



## O Amor às Crianças Pode Influenciar a Salvação do Mundo

Dennis Rivers -- 2002

Tradução: Márcia Gama – Mediadora e Facilitadora de Aprendizagem do Recife – Pernambuco – Brasil  
( contato: [marciamediadora@gmail.com](mailto:marciamediadora@gmail.com) )

O endereço onde este documento está disponível é : [www.comunicarmelhor.org](http://www.comunicarmelhor.org)

---

Desde o ano passado venho sentindo um senso mais e mais profundo de repulsa quando vejo e leio as notícias reportando a crescente fúria com que israelenses e palestinos estão machucando e punindo uns aos outros. Que esperança pode haver para o mundo se esses dois grupos de pessoas brilhantes não podem encontrar seu jeito de sair da ciranda da violência? E somado a isso, recentemente, tem sido o meu horror pela atual corrida para a guerra contra o Iraque, uma guerra que eu temo será catastrófica para o povo iraquiano, independentemente do que aconteça a Saddam Hussein.

Recentemente, todos esses sentimentos se transformaram numa muito clara mensagem na minha mente: *Nenhum país que merece viver pode nunca ser construído ou defendido pela morte dos filhos de alguém, nem um Estado israelense, nem um Estado palestino, nem a América ou nenhum outro país. Para quem quer que me fale que eles devem massacrar inocentes para alcançar seus nobres objetivos, eu digo, o paraíso tem misericórdia da sua alma tragicamente confusa. Se você viver, você vai viver para lamentar o que fez. E se você morrer, sua vida terá sido em vão, por todas as formas de violência, o assassinato de não combatentes gera uma absoluta necessidade de revanche. Cada lado diz, com perfeita justificação, “nós não vamos esquecer nunca”. E assim o conflito continua.*

É como se minha alma quisesse gritar para o povo em luta para interromper sua tragédia. E então oferecer essas reflexões, não sabendo como elas vão fazer seu

caminho através da mente do mundo, mas sabendo que eu não posso ficar calado.

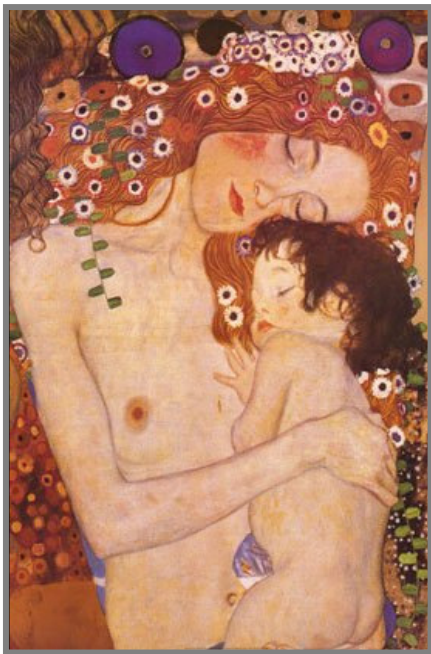
Esse momento na história grita pela sabedoria Gandiana de que **nossos fins são somente tão nobres quanto nossos meios**. Deixe-nos rezar com toda nossa força por aqueles cujo desespero os afastou de sua razão, e deixe-nos trabalhar para abrir novas avenidas de diálogo e perdão, não importa quão loucamente irrealista isso possa parecer. Uma vez que muitas pessoas tenham começado a acreditar que fins nobres podem ser atingidos pelo assassinato, não há limite para tantas coisas ruins que podem acontecer.

Deve haver uma alternativa a essa lógica de destruição mútua. E nesse tempo de terrível angústia, eu falarei de uma possível alternativa porque nós todos devemos, qualquer que seja nossa posição oferecer nosso esforço para encontrar um jeito fora da crescente violência no mundo.

Eu proponho que foquemos no amor às crianças e no destino das crianças como o elemento central da desesperadamente necessária mudança da Gestalt. Ao meu ver, o destino das crianças, no conflito israelense-palestino, e em todo o mundo, pode ser a única moral imperativa forte o bastante para permitir aos adultos renunciar honradamente à vingança. Por mais que perfeitamente justificado cada lado se sinta odiando as pessoas do outro lado, as guerras de todos os tipos são o inferno para as crianças de todos. Focando numa vida melhor para as crianças de todo mundo, é possível que os adultos no conflito israelense-palestino possam abrir

mão de sua perfeitamente justificável corrida em direção à destruição mútua.

Dessa perspectiva de focalizar as crianças, o plano israelense de construir ilhas de conforto de classe média no mar da pobreza da faixa Oeste palestina foi decepcionante, mostrando uma dureza de coração para com as crianças dos outros que somente poderia provocar em resposta igual dureza de coração. E dessa perspectiva a estratégia palestina de matar os colonos e os filhos dos colonos para fazer os colonos remanescentes saírem é também decepcionante, mostrando uma dureza de coração que somente poderia provocar uma dureza de coração em resposta. Parece haver muitas camadas de irracionalidade trabalhando ali, em todos os lados. Por exemplo, muitas crianças palestinas têm morrido nesse conflito armado. E os



palestinos ainda não saíram, eles não têm abandonado a terra que eles amam.

Surgem então as perguntas, por que os palestinos deveriam esperar que os israelenses respondessem à violência saindo? Violência gera violência; intransigência gera intransigência. Em certo ponto deixa de importar “quem começou isso”.

O que é preciso aqui é um completamente novo jeito de olhar a situação, uma perspectiva tão radicalmente diferente que pudesse abrir algumas novas possibilidades. Eu proponho que uma tal perspectiva possa ser olhar as populações em conflito *agrupando-as por idade em vez de por nacionalidade*. Isto é, olhar o

Oriente Médio, ou o mundo, neste assunto, como composto por crianças e adultos, em vez de israelenses e palestinos, americanos e iraquianos, e assim por diante. Quando eu olho através dessa lente, parece-me claro que todos os adultos, colocados juntos, em seu condicionamento para a dominação e sua competição por terra e poder, decepcionaram todas as crianças, colocadas juntas.

Embora essa visão lance todos os adultos atuais numa luz desfavorável, ela oferece uma estrutura de valores que permitiria aos combatentes de ambos os lados retirar-se com pelo menos alguma honra. Para o bem de todas as crianças, poder-se-ia argumentar com dignidade, que é melhor ter uma trégua imediata que uma vitória distante.

Isso poderia preparar o estágio para repetição e recomeço. Depois de tudo, todos os adultos cometem erros. Isso é parte de ser humano. A maioria das pessoas tem tido experiência de sentimento perfeitamente justificado em alguma situação, e então ter cometido sérios erros de julgamento e de comportamento. Tem havido muito mais sofrimento nas histórias dos israelenses e palestinos. Se o destino testou nossa virtude tão severamente quanto tem testado as suas, quem dentre nós pode falar de verdade que teria agido com mais moderação? E deixe-nos lembrar que a Primeira Guerra Mundial é agora vista por muitos historiadores como um gigantesco erro burocrático da parte dos Grandes Poderosos, que tropeçou na inépcia diplomática numa guerra que não tinha justificação real e não trouxe nada a nenhum dos participantes.

A dolorosa verdade é que todos os milhões de homens, mulheres e crianças que morreram na Primeira Guerra Mundial morreram por absolutamente nada. Todos os adultos, de todos os lados, decepcionaram todas as crianças, de todos os lados.

Então, fortificados com o conhecimento de nosso próprio e miserável fracasso, nós poderemos alcançar os israelenses e os palestinos e todos nossos próprios inimigos em torno do mundo, e falar “Não há razão tão nobre quanto cuidar das crianças. Deixem-nos sacrificar nosso orgulho e nossa ideologia, em vez de sacrificar nossas crianças para esse progressivo conflito

Deixem-nos confessar, como adultos, que fracassamos na busca de nossa saída dessa aprofundada espiral de ataque e contra-ataque. Deixem o bem estar de todas as crianças, reunidas, ser a medida de toda proposição. Deixem-nos todos nos arrependermos e perdoarmos uns aos outros usando nossa religião para estreitar fins políticos, quando todas as nossas religiões ensinam a misericórdia, a paciência e o perdão, e essas

partes nós ignoramos. Todas as crianças precisam que sejamos heróis de humildade, generosidade, razões e criativas formas de resolução de problema, em vez de heróis de força. Os heróis de força nos levou a essa confusão e sua única resposta para seu fracasso é gritar “Mais força!” Todas as crianças precisam que comecemos, por inconveniente que isso possa ser para nossos egos, nossas carreiras ou nossas indústrias de armas.”



Tatã și copil Cristina Tecinese

Em termos biológicos, se as crianças morrem, os adultos estão falhando em uma de suas mais fundamentais tarefas, construir um mundo em que a vida possa florescer. Isso é verdadeiro não importa que honras ou títulos os adultos dão a si mesmos, que autoridades citem, ou que uniformes ou roupas usam. Se as crianças estão morrendo, os adultos estão fracassando, não importa se na Palestina ou Israel ou Afeganistão ou Colômbia ou o leste de Los Angeles. Construir um mundo em que a vida possa florescer agora significa inventar um jeito de lidar com conflitos que não requerem a destruição de cidades ou ônibus ou países ou as pessoas do outro lado da rua.

Fora o reconhecimento desse fracasso mundial, levando ao arrependimento e ao perdão, um novo dia pode amanhecer. Eu acredito que uma das mais centrais e difíceis lições envolvidas em se tornar um adulto é essa: somente confrontando meus erros, fracassos e deficiências honesta e diretamente eu posso ser liberado da necessidade de repeti-los interminavelmente. Não acusar os outros, não focalizar evasivas que me desculpem. Eu admiro a coragem daqueles que vão para o combate armado, mas há coragem maior que a vida

requer de nós, e muitos dos mais fortes dentre nós esmorece em face de suas demandas. É a coragem de enfrentar suas próprias bobagens. Tal é o ego humano que muitos de certa forma morreriam. Isso toma um extremamente poderoso ponto de referência emocional para sustentar uma pessoa através desse processo de enfrentar o fracasso. E eu estou propondo o amor às crianças, uma capacidade humana universal, como esse ponto de referência, um impulso em nós tão belo que é aspiração digna mesmo que nós nunca a realizemos no grau que poderíamos desejar. Os conflitos violentos parecem lançar as pessoas num transe quase hipnótico, um transe no qual as pessoas fazem muitas coisas que elas vão mais tarde lamentar, e muitas coisas que não são de seu próprio interesse. O que poderia parar a magia?

Recentemente o The New York Times reportou que “... a revista de fim de semana de Haaretz recontou a visita do Ministro da Defesa Benjamin Ben-Eliezer a um homem-bomba fracassado preso, Arien Ahmed, na qual ele tentou entender seus motivos. Refletindo sobre sua conversa, o ministro da defesa disse, referindo-se às Forças de Defesa de Israel : [I.D.F.]

“Mas desafortunadamente, enquanto a I.D.F. está conduzindo essas ações necessárias, as operações em si mesmas tornam-se uma estufa que produz mais e mais novos homens-bomba suicidas. As ações militares despertam a frustração, ódio e desespero e são a incubadora para o nascimento do terror. O ambiente religioso e político imediatamente aproveita-se desse efeito e despacha os novos homens-bomba suicidas, e o padrão se repete.”

Há histórias paralelas acontecendo na Palestina, de ultrajes cometidos contra palestinos por soldados e colonos israelenses deprimidos e enraivecidos. A escalada de força israelense leva a novos ataques sobre os israelenses. A escala de força palestina leva a novos ataques contra os palestinos. Cada lado se sente totalmente justificado em tentar punir o outro lado, mas a situação continua a espiralar para baixo. Esse é o ponto em que alguém precisa “pensar fora da caixa”.

Dentro da lógica atual de força e contra-força, popular em todo mundo, não há nada para impedir o mundo de se tornar uma Ruanda gigante. O presidente Bush anunciou recentemente que os Estados Unidos irão preventivamente matar qualquer um sobre o planeta que se acredita estar tramando matar americanos. Em vez de deter a conspiração contra os Estados Unidos, entretanto, esse desafio pode realmente levar candidatos a conspiradores a um frenesi de nova atividade, uma vez que nós estamos, pela nossa política, afirmando a regra da força somente e falhando na articulação de qualquer

outra base na qual as pessoas que não gostam dos americanos poderiam encontrar uma razão para relacionar-se com eles de um modo pacífico.

Um mundo sempre menor, armado até os dentes com sempre mais poderosas armas, precisa de uma nova visão, uma nova lógica de conexão que nos permitiria voltar do abismo. A velha lógica de pegar à força todos vocês podem ver que não funciona num mundo onde todo mundo pode botar a casa de todo mundo abaixo. Por exemplo, na década de 1940, os Estados Unidos gastaram aproximadamente seis TRILHÕES de dólares (em valores atuais), com armas nucleares e navios, aviões e sistemas para lançá-los. Que é cerca de mil dólares para cada homem, mulher e criança que vive hoje no planeta Terra e cerca de vinte mil dólares para cada cidadão americano. E nós ainda não estamos seguros. Nós estamos mais vulneráveis que nunca antes estivemos. Em certo ponto isso começa a parecer como se ter a maior bomba que qualquer um não fosse uma boa base na qual construir nossas relações com outros países.

Que outras coisas esses seis trilhões de dólares teriam comprado? Talvez um mundo não tão atormentado com a pobreza e o ódio. Eu não posso ajudar me perguntando quanto a defesa dos israelenses está jogando fora de seu orçamento de defesa de nove bilhões de dólares. Que custaria enviar todos aqueles adolescentes palestinos para a universidade? Que valores permitiriam a alguém imaginar isso como uma solução para o problema atual?

Contra tudo que propus neste ensaio levanta-se o gigantesco fato de que o amor às crianças é uma capacidade dos seres humanos que não se desenvolve sempre. Que um espantoso número de adultos é cruel e mesmo sanguinário com as crianças significa que nós não podemos tomar o amor às crianças como um simples recurso que nós podemos mobilizar em favor da pacificação e da reconciliação. E que além da questão dos indivíduos emocionalmente desabilitados, há também crueldades burocráticas funcionando no mundo, tais como as sanções econômicas contra o Iraque e a manufatura de minas terrestres, que ferem grande número de crianças com o tácito consentimento ou deliberada ignorância dos países que apoiam aquelas políticas e atividades.

O que podemos dizer sobre o amor às crianças é que *ele é pelo menos uma capacidade das pessoas*, algo que se desenvolve geralmente o bastante para nós para sabermos que é uma possibilidade real. E que não é uma coisa pequena quando as pessoas estão em espiral descendente num nó de genocídio e suicídio, fortificado

com argumentos estreitamente racionais. O que poderia dar a israelenses e palestinos a força para dizer não a esses argumentos?... para lembrar um caminho diferente? E esses argumentos e justificativas tendam a *nos* envolver, a *nos* inscrever no apoio de um lado ou do outro em conflitos onde cada um está perdendo, *nos* convida a apoiar novas guerras e mais minas terrestres. Como nós vamos encontrar a força para dizer não?

Nós estamos no fim de uma era, desafiados a fazer um novo mundo. A tecnologia está fazendo nossos conflitos mais e mais violentos, e alimentando o sonho, em todos os lados, da vitória final. Que valor profundamente sentido poderia nos dar uma razão para prosperarmos juntos em vez de empatarmos um ao outro? Para essa questão eu respondo, o amor às crianças, todas as crianças. Podem os israelenses tratarem todas as crianças palestinas como às suas próprias. Podem os palestinos tratarem todas as crianças israelenses como às suas próprias. Podem os americanos tratarem todas as crianças iraquianas como às suas próprias. Pode o Taliban (muitos dos quais órfãos) tornarem-se nutridores em vez de punitivos. Podem os Estados Unidos parar de produzir as minas terrestres que, plantadas décadas atrás, continuam e arrancar as pernas de crianças no Vietnam. Podem todos os humanos adultos realizarem seu destino glorioso destinos de seres nutridores de vida desvelada, assistindo a criativa atividade de Deus. O amor às crianças pode trazer a salvação do mundo

*Dennis Rivers vive, escreve e ensina habilidades de comunicação em Santa Bárbara – CA*